

HETEROSSEXISMO E TRANSFOBIA PRESENTES NA ESCOLA

Joana do Prado Puglia ¹; Edna Linhares Garcia ²

Resumo: Presencia-se um momento histórico, em que discussões agitam o panorama nacional a respeito da inclusão das referências às questões de gênero nas escolas, quando ativistas dos direitos das mulheres e ativistas da causa LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) argumentam que este seja o espaço para se produzir reflexões sobre os temas gênero e sexualidade, em uma tentativa de aprimoramento da qualidade da educação, superação das desigualdades, dos preconceitos e combate à exclusão e evasão escolar. Por outro lado, políticos conservadores e religiosos argumentam que a inclusão de estudos de gênero na escola possa ser uma grave ameaça ao que chamam de família tradicional, e pedem a exclusão deste tema, e até da palavra gênero, nos currículos escolares. Ao longo da história, particularmente nos últimos duzentos anos, predominaram formas pejorativas de atribuição social às práticas não heterossexuais, segundo Marco Aurélio Prado (2008). A construção histórica e cultural destas atribuições, sedimentadas em instituições e no imaginário social, engendrou a noção de doença e perversão, como a naturalização e ocultamento da homofobia. Por este motivo, segundo o autor, não nos questionamos a cerca das razões pelas quais nossas instituições e nossa cultura restringem os direitos às pessoas não heterossexuais, ou até mesmo incentivam formas de violências contra estas. Isto ocorre principalmente porque os códigos que regulam as relações entre as identidades sexuadas não permitem que as hierarquias sexuais e seu sintoma, a lesbo-trans-bi-homofobia, adquiram visibilidade pública na condição de injustiça social, uma vez que foram naturalizadas e assimiladas pela simplificação. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivos conhecer os efeitos da heteronormatividade na escola e verificar e caracterizar as estratégias de enfrentamento das/os sujeitos/as aos efeitos da ação heteronormativa no ambiente escolar. Aborda a temática a partir da perspectiva da análise do discurso de alunas e alunos para a produção de sentido e a construção da subjetividade deste/as sujeito/as na escola. No campo da sexualidade, esta

¹ Psicóloga - Mestra em Promoção da Saúde - PPGPS-UNISC- joanapuglia@yahoo.com.br

² Doutora em Psicologia- PUC-SP. Profa. do Programa de Pós Graduação- Mestrado em Promoção da Saúde e do Departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Tutora do PET/Saúde-Redes de atenção psicossocial aos usuários de crack e outras drogas-E-mail: edna@unisc.br

abordagem adquire relevância a partir deste deslocamento causal para a dimensão das subjetividades, quando sujeita/os, mergulhados no efeito expressam suas percepções neste recorte do panorama de rejeição às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, ou lesbo-trans-bi-homofobia, no universo escolar. **Método:** Participaram 32 alunas e 8 alunos em grupos de discussão e 1 aluna em entrevista individual, regularmente matriculadas/os em terceiros anos de ensino médio de escolas públicas em município do interior do estado do Rio Grande do Sul. Este é um estudo qualitativo, observacional, descritivo, interpretativo que acontece a partir da análise das práticas discursivas de adolescentes ouvida/os em grupos de discussão, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul e está registrado sob o número 22102313.1.0000.5343. Segundo Mary Jane Spink (1994) e Spink e Benedito Medrado (2013), é nas práticas discursivas que se torna possível acessar a produção de sentido estabelecida na escala das relações interpessoais, pois, correspondem aos momentos ativos do uso da linguagem, onde convivem tanto a ordem como a diversidade, envolvendo a linguagem em ação, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. A estratégia do grupo de discussão consistiu na exibição do filme curta metragem, intitulado “Não quero voltar sozinho”, de Ribeiro (2010), como disparador da discussão. **Resultados:** Os discursos foram devidamente agrupados por categorias. As categorias emergem dos sentidos produzidos e materializados, neste caso, nas palavras, nos silêncios, nas metáforas e nos lapsos. As palavras carregam sentido e, quando este sentido se materializa nas vaias ofensivas, foram classificadas como *ódio*. Entre as falas que traduziam sentimentos de medo diante das agressões surge a categoria *medo*. *Sentimento de inadequação* é a categoria que emerge diante da incongruência entre a auto percepção e o reconhecimento social. *Restrição aos direitos civis*, ao desconsiderar a alteridade. *Reconhece como normal*, quando o sentido revela a percepção do fenômeno como normal dentro de suas concepções e ainda *anormalidade* é a categoria que emerge das falas que manifestam esta percepção por parte das/os sujeitas/os a respeito das homossexualidades e transexualidade. **Considerações finais:** Escutar de um lado as palavras tão amedrontadas e sem esperança de uma adolescente transexual em relação a sua própria vida, como a percepção da falta de perspectiva de possibilidades de vivência plena na esfera afetivo sexual, embora sua estratégia de enfrentamento foi experiência bem dolorosa. Porém, de fácil compreensão se realizado o entrecruzamento daquele discurso com os discursos de outro/as adolescentes, de mesma idade, onde as falas eram carregadas de sentidos atrelados à estrutura normativa prescrita heterossexista. **Conclusão:** Os resultados apontam para uma forte presença de heterossexismo e transfobia no ambiente escolar. Tais rejeições obstaculizam as

relações interpessoais saudáveis. Considera-se necessária a criação de políticas públicas voltadas à capacitação de profissionais, levando a informação e o debate sobre o tema para a escola, de forma que as pessoas possam identificar suas potencialidades e estratégias³ de enfrentamento e resistências às violências lesbo-bi-trans-homofóbicas. Assim como, recomenda-se pensar urgentemente a possibilidade de inserção de equipes multidisciplinares naquelas escolas, a fim de que se possam abrir debates sobre o tema, desmistificando-se tabus e velhas normas, e que o/as sujeito/as possam identificar suas capacidades e competências para enfrentamento e resistência a lesbo-trans-bi-homofobia para além também dos muros da escola.

Palavras-Chave: Heterossexismo; Escola; Lesbo-trans-bi-homofobia; Adolescentes.

Referências

PRADO, Marco Aurélio M., Machado, F.V. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Daniel. *Eu não quero voltar sozinho*. Produzido por Diana Almeida (curta metragem, ficção, 15', cor, 35mm. dolby SR). DVD. 2012.

SPINK, Mary Jane P.; GIMENES, Maria G. *Práticas discursivas e produção de sentido: Apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença*. Saúde e sociedade. vol.3 no.2- São Paulo. 1994. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12901994000200008&script=sci_arttext> Acesso em 08 dez. 2014.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito; *Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas in Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. Org.: Mary Jane Spink. Rio de Janeiro. Ed. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2013.

³ Sendo coerente aos estudos de gênero, entendendo a linguagem como espaço de produção de inclusões e de exclusões, será evitado, ao longo deste texto, o uso da forma masculina como signo genérico referente a ambos os gêneros, feminino e masculino, nomeando, sempre que possível, as duas formas.